



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EDYRONIA WANDERLEY CAVALCANTI

**A MÚSICA NA VIDA DE GABMAR CAVALCANTI: a música como
instrumento de inclusão social para a pessoa cega**

Campina Grande, PB
Fevereiro de 2019

EDYRONIA WANDERLEY CAVALCANTI

A MÚSICA NA VIDA DE GABMAR CAVALCANTI: a música como instrumento de inclusão social para a pessoa cega

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376m Cavalcanti, Edyronia Wanderley.
A música na vida de Gabmar Cavalcanti [manuscrito] : a música como instrumento de inclusão social para a pessoa cega / Edyronia Wanderley Cavalcanti. - 2019.
39 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre, Departamento de Educação - CEDUC."
1. Educação inclusiva. 2. Educação musical. 3. Deficiência visual. I. Título
21. ed. CDD 371.911

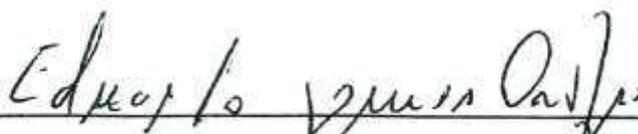
EDYRONIA WANDERLEY CAVALCANTI

A MÚSICA NA VIDA DE GABMAR CAVALCANTI: a música como instrumento de inclusão social para a pessoa cega

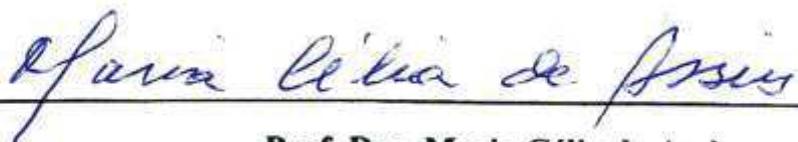
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

APROVADA EM: 06 / 02 / 2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Orientador – UEPB



Prof. Dra. Maria Célia de Assis
Examinador – UEPB



Prof. Mestre Bruna Tayane da Silva Lima
Examinador – UEPB

DEDICO

Ao meu sogro Gabmar Cavalcanti Albuquerque (In Memoriam), por sua honrosa convivência, a qual me ajudou a entender que pessoas cegas podem enxergar muito além do que os olhos físicos podem alcançar. Seu amor pela arte musical que me fez entender que sua natureza era divina, pois exalava uma beleza capaz de encantar a alma das pessoas, de uma forma tal que o elevava acima da sua condição. Percebi então, que cega fui eu antes de conhecer meu eterno e inspirador maestro Gabi. Obrigada por me inspirar a ensinar a outros a arte de ser especial!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a **Jesus**, meu maior inspirador nesta jornada acadêmica. Um mestre por excelência.

Aos meus pais, **Robenaldo Odilon Wanderley** e **Edna da Costa Wanderley**, por sempre me incentivarem a não desistir nunca e me ajudarem com muito amor nesta caminhada.

Ao meu esposo, **Alisson Teles Cavalcanti**, por sempre me ajudar e estar ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida acadêmica e pessoal, estendendo sempre com amor sua mão sempre que precisei.

Aos meus filhos **Débora Wanderley Cavalcanti** e **Rafael Wanderley Cavalcanti**, por compreenderem muitas vezes minha correria e estarem comigo participando das muitas aulas na UEPB.

À minha sogra **Kátia Virginia Teles Cavalcanti**, que sempre esteve presente em minha vida e me ajudou a realizar esta pesquisa contando sua trajetória musical e de vida ao lado do meu sogro Gabmar Cavalcanti.

À professora **Glória Maria**, que nas aulas de Educação Infantil, me incentivou a amar a profissão e a despertar para a linguagem musical com as crianças.

Ao professor, orientador e amigo, **Dr. Eduardo Gomes Onofre**, que pacientemente me ajudou a realizar este trabalho e sempre acreditou que eu poderia chegar até aqui.

À minha melhor amiga **Leonor Ciêrda Torres**, que sempre acreditou no meu potencial e esteve ao meu lado todo o tempo incentivando e acreditando que juntas chegaríamos até o fim.

Às professoras **Maria Célia de Assis** e **Bruna Tayane da Silva Lima** por fazerem parte da minha banca examinadora.

A todos que contribuíram para o sucesso da minha carreira acadêmica. O meu muito obrigada!

RESUMO

O presente artigo tem como tema a música na vida de Gabmar Cavalcanti, músico que ficou cego desde os três anos de idade, nascido e residente na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba. O objetivo principal deste estudo é discutir a importância da música no processo de inclusão de uma pessoa cega. Assim, remetemos a uma discussão sobre a importância da música como instrumento de inclusão, em especial, de pessoa cega. Para tanto, a presente pesquisa teve um cunho qualitativo, realizada através de documentos, leitura de artigos, livros e registros fotográficos. Buscamos também materiais fornecidos pela família do referido músico e depoimentos de membros da família. Os resultados mostraram que, em se tratando de pessoas com necessidades especiais, a música é um facilitador da comunicação, seja qual for a deficiência. A música foi o meio pelo qual o músico Gabmar Cavalcanti conseguiu sua própria inclusão numa sociedade preconceituosa e que, frequentemente, subestimou o seu potencial. A pesquisa revelou ainda que a linguagem musical ajudou o músico desde pequeno a desenvolver mais rapidamente sua cognição. Assim, concluímos que a música proporciona um desenvolvimento completo do ser humano, e em relação à pessoa cega, ela ajuda a expressar sentimentos e o torna um ser mais crítico e autônomo, proporcionando assim, um processo mais rápido para sua inclusão na sociedade.

Palavras-Chave: Música, Educação Inclusiva, Educação Musical, Deficiência Visual

ABSTRACT

This article is about music in Gabmar Cavalcanti's life, blind musician since the age of three, born and resident in the city of Campina Grande, state of Paraíba, Brazil. Our discussion is about music as an instrument of inclusion in society, especially among people classified as blind or visually impaired. For that, this qualitative research was done with documents, reading of articles, books, photos, objects provided by the musician's family and testimonials with family members. The results showed that, in the case of people with special needs, music is a communication asset, whatever the disability. Music was the way by which musician Gabmar Cavalcanti achieved his own inclusion in a prejudiced and often underestimating society. The research also revealed that the musical language has helped the musician since childhood to develop cognition more quickly. Thus, conclusion was music provides a complete development of the human being helps the blind to express feelings and makes them a more critical and autonomous being, thus providing a faster inclusion in society.

Keywords: Music, inclusive education, musical education, visual impairing

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Comparação entre os diversos sistemas. _____	14
Figura 2: Relógios para leitura táctil braille. _____	16
Figura 3: Comparação entre os diversos sistemas. _____	17
Figura 4: Máquina de escrever no sistema Braille. _____	18
Figura 5: Sorobã _____	19
Figura 6: Tela do sistema DOSVOX. _____	20
Figura 7: Programa leitor de telas JAWS. _____	21
Figura 8: Gabmar aos 12 anos, em sua viagem ao Rio de Janeiro. _____	28
Figura 9: Recorte de jornal da época da viagem de Gabmar ao Rio em 1954. _____	29
Figura 10: Artigo da Revista "O Cruzeiro" _____	30
Figura 11: Casamento de Gabmar e Kátia em 1975. _____	34
Figura 12: Conjunto Ogírio Cavalcanti no início dos anos 1970. _____	31
Figura 13: Gabmar já na carreira solo junto com a esposa Kátia, nos anos 1990 _____	32
Figura 14: Gabmar trabalhando em seu estúdio de gravação. _____	32
Figura 15: Gabmar em uma de suas últimas apresentações. _____	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1. A pessoa com deficiência visual	11
1.1.1. Cegueira.....	11
1.1.2. Os cegos e a sociedade: um breve histórico	13
1.2. Recursos Tecnológicos e didáticos para pessoas com deficiência visual.....	15
1.2.1. Recursos Ópticos.....	15
1.2.2. Recursos Não-Ópticos.....	15
1.2.3. Sistema Braille	16
1.2.4. Forma de produção do Braille: Reglete e punção	17
1.2.4.1. Imprensa Braille	17
1.2.4.2. O sorobã ou ábaco	19
1.2.4.3. Sistema Operacional DOSVOX.....	20
1.2.4.4. Virtual Vision.....	21
1.2.4.5. JAWS.....	21
1.3. A música na inclusão	21
1.3.1. O que é música?	22
1.3.2. A importância da música na educação	22
2. METODOLOGIA	26
2.1. Tipo de Metodologia: Qualitativa	26
2.2. Instrumento de Pesquisa (Análise documental).....	26
2.3. Participantes da pesquisa.....	26
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS.....	27
3.1. Os primeiros contatos com a música.....	27
3.2. A música como profissão.....	31
3.3. O casamento e a música	33
3.4. Relação pessoal e musical com outros artistas influentes	34
3.5. O maestro partiu.....	35
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

A música sempre fez parte das civilizações mais remotas e é uma característica inerente ao ser humano. Ao mesmo tempo, é assunto pouco discutido nas escolas ou universidades. É uma linguagem importantíssima, porém, desconhecida por muitos, apesar de ouvirem e conviverem com a mesma. E, tratando-se da música como instrumento de sociabilização, especialmente do cego na sociedade, muito pouco é visto e divulgado por conta do preconceito e da falta de conhecimento. Desta forma, a inserção do cego no meio artístico, e especialmente na música, é bastante dificultada. Muitas vezes, pensa-se que o cego não é capaz de produzir algo por conta da sua aparente dificuldade, e não há um estímulo para que haja um trabalho com esta ferramenta a qual sendo descoberta por alguns profissionais na área da educação traz inúmeros benefícios para o aprendizado, e se tratando de educação inclusiva, estes benefícios são multiplicados uma vez, que, traz especificamente desenvolvimento cognitivo, mais ainda inclusivo. A discussão da música como uma linguagem artística e inclusiva para pessoas com necessidades especiais, necessita ser muito ampliada, visto que estas têm interesse em estudar essa linguagem artística. Porém, ao tentarem entrar em contato, encontram sérias dificuldades de acesso. Mesmo com as inúmeras dificuldades, há exemplos de pessoas, aqui estamos tratando de cegos, que demonstram capacidade, mesmo com limitações, de produzirem músicas de qualidade. A música permite, que as pessoas com deficiência, tenham a possibilidade de conviver com as limitações e se incluir por este fazer permitir que hajam possibilidades inúmeras de adaptação motoras ou tecnológicas.

As múltiplas possibilidades de adaptações, sejam elas motoras ou tecnológicas, possibilitam o fazer musical, favorecendo os portadores de deficiência que desejam estar em contato com a música. (LOURO,2005.p.15).

Desta forma, procuramos investigar, no presente trabalho, o que a música proporciona especificamente para a pessoa cega: uma forma de introduzi-la na sociedade como alguém capaz de aprender, produzir e reproduzir no meio artístico por meio desta linguagem. Com a orientação do professor Eduardo Gomes Onofre, do Núcleo de Educação Especial (NEDEPS), foi iniciada uma investigação sobre a importância da música para estas pessoas. Neste ínterim, encontramos no músico profissional Gabmar Cavalcanti Albuquerque o nosso objeto de estudo com a finalidade de compreender o tipo de inclusão que a música proporcionou em toda sua vida. Ainda que hajam outros artistas famosos, tais como Ray Charles ou Stevie Wonder, justifica-se a escolha pela proximidade, sendo ele um artista da terra, Campina Grande, rainha da Borborema, na Paraíba. Para além disto, nele encontramos uma experiência mais próxima da nossa realidade

e ao mesmo tempo uma forma de homenagear e reconhecer o artista que produziu muito na área musical de nossa cidade, tornando-se referência para muitos músicos com ou sem deficiência. A partir daí entendemos a música como uma das linguagens mais importantes no desenvolvimento e na inclusão do cego na sociedade.

Neste artigo, foi desenvolvida a pesquisa qualitativa documental através de conversas familiares informais, entrevista em revista virtual, arquivo pessoal, imagens cedidas pela família do artista, materiais pessoais e instrumentos usados por Gabmar Cavalcanti, músicas produzidas por ele em vida, além de conversas pessoais com o próprio. E para o embasamento teórico deste trabalho, foram feitas leituras em sites da internet e livros sobre o assunto.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A pessoa com deficiência visual

1.1.1. Cegueira

A cegueira não é sinônimo de incompetência, falta de habilidade, de capacidade de produção, ou desinteligência, como muitos pensam. Veremos, ao contrário, que cegueira não machuca, não dói e não limita tão radicalmente, como pensam os que enxergam quando fecham os olhos por um minuto imaginando serem cegos. Também não é doença, ainda que algumas vezes sejam causadas por ela. Para o cego, em razão de estar nesta situação há tempos, o que menos importa é sua condição; o que traz mais transtorno é o preconceito que o cerca. Certamente há um esforço maior para a pessoa cega aprender certas coisas, e especialmente driblar o sentimento de rejeição e baixa estima e superar o condicionado estigma de que são incapacitados, criado geralmente pelo preconceito de pessoas que enxergam. Mas, com persistência, é possível alcançar um grau de emancipação e independência excelentes.

São vários os motivos que levam a pessoa à cegueira, e precisamos conhecê-los para que tenhamos condições de conhecer o potencial destas pessoas em realizar tarefas que imaginamos serem impossíveis para quem não consegue enxergar.

Cegueira é o termo utilizado para identificar a condição de pessoas que apresentam total incapacidade de enxergar, assim como aquelas com uma visão residual que, apesar de não apresentarem ausência total da visão, sentem uma importante dificuldade de realizar suas atividades diárias normalmente. Algumas conseguem enxergar vultos, outras, absolutamente nada. De acordo com o Decreto nº 3.298 que regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, a cegueira é definida como uma deficiência visual na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica. (BRASIL, 1989)

Cegueira não é um termo absoluto, uma vez que reúne a condição de diversos indivíduos com vários graus de visão residual. Não significa total incapacidade de ver, mas sim a dificuldade de enxergar a níveis incapacitantes para o exercício de tarefas rotineiras. Assim, quando falamos de “cegueira parcial”, nos referimos a indivíduos cuja a acuidade visual é corrigida nos dois olhos com óculos ou lente de contato quando a acuidade visual é igual ou inferior a 0,1. Também se aplica àqueles que possuem o campo visual tubular, restrito a 20 ou menos. Nessa categoria, os indivíduos são apenas capazes de contar dedos a curta distância ou só percebem os vultos. Aqueles mais próximos da cegueira total, são os que só tem percepção e projeção luminosas, sendo no primeiro caso, apenas a distinção entre claro e escuro; no segundo, o indivíduo é capaz de identificar também a direção de onde provém a luz.

Amaurose é a denominação usada para a cegueira total, aquela na qual existe a perda total da visão. A visão é nula, ou seja, não existe sequer a percepção luminosa presente. Na Oftalmologia, usa-se a expressão de “visão zero”. Indica a perda completa da visão dos dois olhos. Na parcial significa a visão não superior a 1/10 no melhor olho.

Ambliopia é um caso particular de cegueira. Classicamente é definida como baixa de visão em olho organicamente perfeito. Em cada 100 crianças, aproximadamente 4 se tornam ambliopes. Sendo descoberta em fase pré-escolar, há uma chance muito grande de recuperação visual. O tratamento orientado pelo oftalmologista, é iniciado muito cedo, com uso de oclusão, óculos e cirurgia. Se estes cuidados não forem realizados cedo, dificilmente é possível obter sucesso depois dos 6 anos de idade. São, portanto, importantíssimos na prevenção da cegueira tanto o diagnóstico, como o tratamento.

As causas prevalentes da cegueira segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde):

- Hipovitaminose A: Causa cegueira noturna, xeroftalmia e ceratomalacia. Indivíduo possui deficiência de vitamina A.
- Oncocercose: Doença crônica, causada pela filária *onchocerca volvulus* cujo adulto produz nódulos fibrosos na pele e tecidos subcutâneo. Quando na cabeça, atingem frequentemente os olhos, cujas lesões resultantes são a conjuntivite, ceratite anterior, catarata, coriorretinite e neurite óptica. Transmitida pela picada de moscas negras infectadas.
- Tracoma: Doença crônica e contagiosa dos olhos, caracterizada por início agudo ou insidioso, afetando bilateralmente a conjuntiva e a córnea. Transmitida através das secreções oculares e nasais pelo agente *Chlamydia trachomatis*.
- Catarata: Qualquer opacificação do cristalino, comum em pessoas acima dos 60 anos. Pode ocorrer antes por diversos fatores como a diabetes, glaucoma, traumatismos etc. único tratamento possível é o cirúrgico.

Do total da população brasileira, 23,9% (45,6 milhões de pessoas) declararam ter algum tipo de deficiência. Entre as deficiências declaradas, a mais comum foi a visual, atingindo 3,5% da população. Em seguida, ficaram problemas motores (2,3%), intelectuais (1,4%) e auditivos (1,1%).

Segundo dados do IBGE de 2010, no Brasil, das mais de 6,5 milhões de pessoas com alguma deficiência visual:

- 528.624 pessoas são incapazes de enxergar (cegos);
- 6.056.654 pessoas possuem baixa visão ou visão subnormal (grande e permanente dificuldade de enxergar);

- Outros 29 milhões de pessoas declararam possuir alguma dificuldade permanente de enxergar, ainda que usando óculos ou lentes. (BRASIL, 2010)

1.1.2. Os cegos e a sociedade: um breve histórico

Durante muitos anos, os cegos eram vistos pela sociedade como seres inúteis, como que de uma espécie inferior, que não possuíam atrativos para a sobrevivência por conta de sua deficiência; uma concepção totalmente devida à ignorância. Neste entendimento, só seria perfeito o sujeito que possuísse atributos anatômicos imaculados. Caso contrário, eram inviáveis para sobreviverem junto à sociedade ou grupo social ao qual pertenciam.

Em Esparta, na Grécia antiga, ao nascer uma criança, ela era submetida a testes de resistência que lhe determinariam viver ou não. Já os judeus respeitavam o deficiente, porém, não permitiam que este tivesse acesso às posições sociais nobres, pois para estes, os “defeitos” físicos eram castigos divino. Assim, as famílias judias escondiam os seus que possuíam alguma deficiência porque os viam como uma maldição dos céus.

Com o surgimento do cristianismo, por conta da pregação do amor ao próximo, a sociedade iniciou um processo de amparo e proteção aos incapacitados. A França foi a primeira a prestar ajuda material aos cegos. O Rei Luís IX criou em Paris, no ano de 1265, o *Quinze-Vingts* para servir de refúgio a 300 cegos franceses que precisavam de assistência após as cruzadas, onde cegaram. A instituição na verdade era um asilo, não uma escola, mas já era uma preocupação com o infortúnio. Posteriormente, vários mosteiros, hospitais cristãos, refúgios, asilos ou retiros foram criados na Síria, Jerusalém, Itália e Alemanha. A sociedade começava assim a dar condições mínimas de sobrevivência aos cegos, ainda que mantendo-os isolados e segregados, por vê-los como indivíduos dignos de piedade, sem nenhuma potencialidade.

Foi apenas no Séc. XVI que surgiram as primeiras publicações enfocando a educação de cegos. No Séc. XVIII, Jacques Bernville publicou um livro sobre o ensino de matemática para cegos, surgindo também nesta mesma época tentativas de escritas para cegos. Porém, a primeira iniciativa concreta neste sentido foi de Valentin Haüy. Em 1784, este encontrou um cego pedinte de nome François Le Sueur e percebeu que ele era capaz de distinguir pelo tato duas moedas francesas da época, o “sou” e o “escudo”. Convidado por Haüy para ser seu aluno, Le Sueur conseguiu aprender a ler e escrever em três meses por meio da escrita e leitura táctil, com caracteres em alto-relevo. Em 1786, Haüy fundou a primeira Escola para cegos, tornando-se instituição pública em 1791 e servindo de exemplo para outros países. Em 1829 foi instalado nas Américas o primeiro Instituto para cegos, em Massachusetts, o *Perkins Institute for the Blind*.

Num segundo marco histórico, um oficial do exército francês chamado Charles Barbier idealizou um sistema tátil utilizando 12 pontos em relevo, permitindo a escrita de mensagens cifradas e secretas. Ele tentou aplicar este sistema às pessoas cegas, porém, o número de sinais era grande. Isto levou Louis Braille a desenvolver a leitura tátil dos seis pontos que até hoje é usada. Ele fez isso aos 15 anos, sendo que era cego desde os três e 40 anos após o trabalho de Hauy. Isto aconteceu no início do século 19 e provocou aplausos dos jovens cegos, pois possibilitou o acesso deles às escolas, ao mundo exterior, ao lazer, e à interpretação de textos lidos.

Figura 1: Comparação entre os diversos sistemas.



Fonte: Google imagens.

No Brasil, a primeira preocupação oficial com a educação de deficientes veio através do Deputado Cornélio Ferreira França, que em 1835 apresentou um projeto que tinha como objetivo a criação do lugar de professor de primeiras letras para ensino de cegos e surdos-mudos, tanto na capital do Império como nas capitais das províncias.

Com o passar dos anos, os recursos didáticos foram aprimorados para que a aprendizagem da pessoa cega obtenha maior sucesso. Tecnologias novas trouxeram perspectivas que outrora eram quase impossíveis, além de maior autonomia na aprendizagem.

1.2. Recursos Tecnológicos e didáticos para pessoas com deficiência visual

A utilização de recursos ópticos e não-ópticos envolve o trabalho de pedagogia, de psicologia, de orientação e mobilidade e outros que se fizerem necessários. As escolhas e os níveis de adaptação desses recursos em cada caso devem ser definidos a partir da conciliação de inúmeros fatores. Entre eles, destacamos: necessidades específicas, diferenças individuais, faixa etária, preferências, interesses e habilidades que vão determinar as modalidades de adaptações e as atividades mais adequadas.

1.2.1. Recursos Ópticos

Recursos ópticos para longe: telescópio, usado para leitura no quadro negro, restringe muito o campo visual; telessistemas, telelupas e lunetas.

Recursos ópticos para perto: óculos especiais com lentes de aumento que servem para melhorar a visão de perto; óculos bifocais, lentes esferoprismáticas, lentes monofocais esféricas, sistemas telemicroscópicos.

Lupas manuais ou lupas de mesa e de apoio: úteis para ampliar o tamanho de fontes para a leitura, as dimensões de mapas, gráficos, diagramas, figuras, etc. Quanto maior a ampliação do tamanho, menor o campo de visão com diminuição da velocidade de leitura e maior fadiga visual.

1.2.2. Recursos Não-Ópticos

Tipos ampliados: ampliação de fontes, de sinais e símbolos gráficos em livros, apostilas, textos avulsos, jogos, agendas, entre outros.

Acetato amarelo: diminui a incidência de claridade sobre o papel.

Plano inclinado: carteira adaptada, com a mesa inclinada para que o aluno possa realizar as atividades com conforto visual e estabilidade da coluna vertebral.

Acessórios: lápis 4B ou 6B, canetas de ponta porosa, suporte para livros, cadernos com pautas pretas espaçadas, tiposcópios (guia de leitura), gravadores. Softwares com magnificadores de tela e Programas com síntese de voz.

Chapéus e bonés: ajudam a diminuir o reflexo da luz em sala de aula ou em ambientes externos.

Circuito fechado de televisão (CCTV): aparelho acoplado a um monitor de TV monocromático ou colorido que amplia até 60 vezes as imagens e as transfere para o monitor.

1.2.3. Sistema Braille

Criado por Louis Braille, em 1825, na França, o sistema Braille é conhecido universalmente como código ou meio de leitura e escrita das pessoas cegas. Consta de arranjo de seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas de três pontos. Os seis pontos formam o que se convencionou chamar “cela Braille”. Seus pontos são numerados da seguinte maneira:

- Do alto para baixo, coluna da esquerda: pontos 1-2-3
- Do alto para baixo, coluna da direita: 4-5-6

As diferentes combinações desses seis pontos permitem a formação de 63 sinais ou símbolos Braille. As 10 primeiras letras do alfabeto são formadas pelas diversas combinações possíveis dos quatro pontos superiores (1-2-4-5). As dez letras seguintes são as combinações das 10 primeiras letras, acrescidas do ponto 3, e formam a segunda linha de sinais. A terceira linha é formada pelo acréscimo dos pontos 3 e 6 às combinações da primeira linha.

O sistema Braille é empregado por extenso, isto é, escrevendo-se a palavra letra por letra ou de forma abreviada para cada língua ou grupo linguístico.

Figura 2: Relógios para leitura táctil braille.



Fonte: Arquivo pessoal.

Além da escrita, o sistema Braille é aplicado também à estenografia, à música e às notações científicas em geral através do aproveitamento das 63 combinações em códigos especiais. É de extraordinária universalidade pois exprime as diferentes línguas e escritas da Europa, Ásia e da África. Sua principal vantagem está no fato das pessoas cegas poderem facilmente escrever por esse sistema, com o auxílio da reglete e do punção. Este sistema permitiu uma forma de escrita eminentemente prática, satisfazendo o desejo de comunicação da pessoa cega, abrindo-lhe os caminhos do conhecimento literário, científico e musical. Permitiu-lhe, ainda, a possibilidade de manter uma correspondência pessoal e ampliou também suas atividades profissionais.

1.2.4. Forma de produção do Braille: Reglete e punção

Figura 3: Punção e reglete.



Fonte: Arquivo pessoal

O aparelho de escrita usado por Louis Braille consistia de uma prancha, uma régua com duas linhas com janelas correspondentes às celas Braille que se encaixa pelas extremidades laterais à prancha, e o punção. O papel é introduzido entre a prancha e a régua, o que permite à pessoa cega escrever os pontos em relevo, pressionando o papel com o punção. Uma particularidade da escrita Braille é que ela é feita da direita para esquerda, na sequência normal de letras ou símbolos. Já a leitura é feita normalmente da esquerda para direita. Hoje em dia são usadas as regletes, uma variação desse aparelho de escrita de Louis Braille. Todas as regletes, sejam de mesa ou de bolso, consistem essencialmente em duas placas de metal ou plástico, fixas de um lado com dobradiças, de modo que permitem a introdução do papel entre elas.

1.2.4.1. Imprensa Braille

Ainda que a escrita através da reglete e da punção tenha sido revolucionária para os cegos, era necessário haver algo que evoluísse no sentido da escrita mais rápida e se possível em série, por meio de máquinas. Com este objetivo, o instituto Perkins construiu uma máquina de escrever de 6 teclas, correspondendo aos 6 pontos que formam os símbolos do sistema Braille. Contudo, houve a necessidade de proporcionar a produção de livros e a máquina Perkins o fazia em ritmo lento e artesanal. Em seguida, surgiram as máquinas impressoras, favorecendo a produção em série de livros. Para a impressão em relevo, são produzidas matrizes metálicas, e através do sistema interponto, o Braille é gravado nos dois lados da matriz. Trabalham nestas máquinas estereotipistas bem treinados e qualificados e com total conhecimento do Braille, além de códigos de abreviaturas e contrações, regras de composição, formato, diagramação, adaptação de desenhos, gráficos, mapas, etc.

Figura 4: Máquina de escrever no sistema Braille.



Fonte: Google imagens

No Brasil, inicialmente os livros didáticos eram transcritos e impressos na França. Em 1932, foram importadas duas máquinas francesas de estereotipia e uma máquina de corte e vinco, adaptada para servir de impressora. Posteriormente, em 1938 e 1947, outras máquinas foram importadas e, com esse equipamento, foi estruturada em caráter definitivo a imprensa Braille do Instituto Benjamin Constant. Ao mesmo tempo, em 1946, a Fundação para o Livro do Cego no Brasil inaugurava sua imprensa, e com a Portaria Ministerial N° 504 de 17 de setembro de 1947, o IBC teve a incumbência de publicar e distribuir gratuitamente material de leitura para cegos no Brasil. Em 1983 a Fundação Hilton Rocha recebeu da Alemanha a doação de uma máquina impressora Braille, tornando-se a terceira do país.

Nos dias de hoje, as Imprensas Braille produzem os seus livros utilizando máquinas estereotípicas? semelhantes às máquinas especiais de datilografia, sendo, porém elétricas.

Existem hoje no mercado vários tipos de impressoras Braille, seja para uso pessoal de pequeno porte ou para produção em grande escala, com velocidades variadas. São novas máquinas que permitem escrita do Braille em matrizes de metal. Essa escrita é feita dos dois lados da matriz, permitindo a impressão nas duas faces do papel. Esse é o Braille interpontado: os pontos são dispostos de tal forma que impressos de um lado não coincidam com os pontos da outra face, permitindo uma leitura corrente, um aproveitamento melhor do papel, reduzindo o volume dos livros transcritos no sistema. Novos recursos para a produção do Braille têm sido empregados, de acordo com os avanços tecnológicos de nossa era.

A qualidade do ensino do braille é decisiva para uma leitura destra e para a aquisição de hábitos de leitura. Se os alunos cegos, como as outras crianças, forem motivados para a prática normal e constante do seu método de leitura e escrita, a leitura será rápida e tornar-se-á também mais agradável e instrutiva, porque a atenção, menos requerida pelo trabalho de reconhecimento dos caracteres, irá mais em ajuda do pensamento. Ao acabarem de ler, as crianças e jovens cegos terão aprendido alguma coisa e estarão mentalmente dispostos a partir para novas leituras.

1.2.4.2. O sorobã ou ábaco

Figura 5: Sorobã



Fonte: Google imagens.

Outro recurso utilizado no universo da deficiência visual é o sorobã ou ábaco, voltado para o ensino de Matemática. É um aparelho de cálculo de procedência japonesa, adaptado para o uso de deficientes visuais. Tem aceitação muito grande devido aos seguintes fatores:

- As contas são realizadas com grande rapidez;
- Tem baixo custo;
- Possui grande durabilidade.

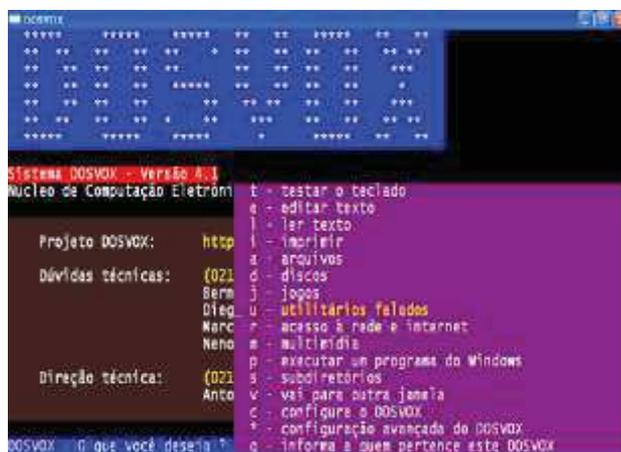
No Japão, mesmo hoje com a larga utilização de computadores, esse aparelho é utilizado pelas pessoas em suas casas, escolas e empresas.

Segundo Bruno (2001), “a utilização do consagrado aparelho – o ábaco – trouxe ao cego grande desenvoltura nos cálculos matemáticos, tendo se destacado alunos cegos pela forma brilhante, rápida e precisa do seu manuseio”.

O uso do sorobã para o ensino de Matemática para pessoas com deficiência visual vem sendo incentivado em muitos países. No Brasil, esse trabalho foi iniciado em 1949 por Joaquim Lima de Moraes.

1.2.4.3. Sistema Operacional DOSVOX

Figura 6: Tela do sistema DOSVOX.



Fonte: Google imagens

É um sistema para microcomputadores da linha PC, desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele permite a interação com o usuário através de síntese de voz, viabilizando, deste modo, o uso de computadores por deficientes visuais, que adquirem assim, um alto grau de independência no estudo e no trabalho.

O sistema realiza a comunicação com o deficiente visual através de síntese de voz em Português, sendo que a síntese de textos pode ser configurada para outros idiomas. Inicialmente desenvolvido para utilização no ambiente DOS, hoje está plenamente adaptado ao sistema Windows. O projeto DOSVOX foi e é capaz de tornar pessoas cegas de terceiro mundo, com um baixo nível de escolaridade, capazes de utilizar o computador, trazendo assim muitos benefícios às suas vidas.

Possui um conjunto de ferramentas e aplicativos próprios como editor de textos, agenda, navegador, leitor de emails e jogos interativos. Pode ser obtido gratuitamente por meio de “download” a partir do site do projeto DOSVOX: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox>

1.2.4.4. Virtual Vision

É um software brasileiro desenvolvido pela empresa Micropower, em São Paulo, concebido para operar com os utilitários e as ferramentas do ambiente Windows. Quando foi lançado, era distribuído gratuitamente pela Fundação Bradesco e Banco Real para usuários cegos. Continua em desenvolvimento, mas não tem muita popularidade.

1.2.4.5. JAWS

Figura 7: Programa leitor de telas JAWS.



Fonte: Google imagens

Software desenvolvido nos Estados Unidos e mundialmente conhecido como o leitor de tela mais completo e avançado. Possui uma ampla gama de recursos e ferramentas com tradução para diversos idiomas, inclusive para o português. No Brasil, não há alternativa de subvenção ou distribuição gratuita do Jaws, que é o mais caro entre os leitores de tela existentes no momento. Outras informações sobre esse software estão disponíveis em: <http://www.lerparaver.com> e <http://www.laramara.org.br>.

Existem, ainda, outras ferramentas que possibilitam a produção de livros em formato digital, em áudio e em braile, além da utilização do scanner, de programas de reconhecimento óptico de caracteres para a digitalização de textos e programas que permitem converter o texto digitalizado em arquivo de áudio. Há também programas magnificadores de tela, geralmente conjugados com síntese de voz, desenvolvidos para quem tem baixa visão.

1.3. A música na inclusão

Para compreendermos a importância da música para pessoas com deficiência, é preciso primeiro entendermos seu conceito, a sua finalidade e em quais aspectos este instrumento de comunicação tem o poder de agir.

1.3.1. O que é música?

A palavra música é originária da Grécia e significa “a força das musas”, pois na mitologia eram elas que ensinavam aos seres humanos as verdades sobre deuses, semideuses e heróis, ensinamentos estes feitos por meio da dança, do canto lírico, canto coral, teatro e outros. Até o século XV e XVI, a atividade musical era exclusivamente utilitária, presente nos rituais das religiões, na comunicação dos trovadores, no trabalho de marinheiros e soldados, no cotidiano do ninar e lavar roupa, e no lazer pela canção e dança.

Hoje há diversas maneiras de se entender o que é música, mas para defini-la de uma forma mais geral, podemos dizer que é um conjunto de combinações sonoras harmoniosas. Portanto, é possível dizer que cada componente deste conjunto corresponde a um aspecto humano específico.

1.3.2. A importância da música na educação

A música tem sido um instrumento de grande valia para o aprendizado natural, psicossocial e criativo na escola infantil. É um material rico, criativo e prazeroso. Pitágoras demonstrou que uma sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura (BRÉSCIA apud CHIARELLI; BARRETO, 2003. p.31). O grande maestro brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887-1959), foi um dos grandes defensores do ensino de música nas escolas, tendo sido o introdutor do chamado Canto Orfeônico como disciplina obrigatória e integrante do Ensino Fundamental, primeiro no Distrito Federal, e depois em todo o país desde o início da década de 1930 até sua extinção quando da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1961. O ensino de música tornou-se optativo. Por fim, uma nova lei aprovada pelo congresso nacional e sancionada pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva alterou a Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB), a Lei nº 11.769 de agosto de 2008, regularizando o ensino de música na escola e tornando-a novamente um componente obrigatório no currículo escolar do ensino fundamental e médio.

O desenvolvimento da percepção auditiva é um dos pilares da construção do conhecimento musical. Existe uma relação direta entre a qualidade do ambiente musical

vivenciado na infância e a capacidade de um indivíduo adulto de entender os elementos da música. A qualidade do ambiente musical vivenciado na infância está intimamente relacionada com a aptidão musical de um indivíduo. Sabe-se que crianças auditivamente pouco estimuladas provavelmente não desenvolverão com plenitude seu potencial musical. É por este motivo, que as dificuldades devem ser expostas, para que crianças possam ser melhor estimuladas. Gordon (2000) afirma que uma criança nasce com um determinado nível de aptidão musical e esse nível muda de acordo com a qualidade do seu ambiente musical, formal e informal, até a criança atingir os nove anos de idade.

Segundo Rosa (1990), o professor deve compreender a essência da linguagem musical, e, a partir de sua própria experiência e de seu próprio processo criador, facilitar o contato da criança com as diversas linguagens (plástica, corporal, etc). É dever dele propiciar que a criança possa olhar o mundo e se expressar aprendendo a perceber significados em todas as coisas, construindo assim, seu pensamento através da interação com o ambiente e da compreensão das relações entre estes elementos, incluindo os sons, as canções e as diferentes manifestações em linguagem musical.

A melhor forma de trabalho pedagógico é aquela que proporciona a educação da pessoa inteira, de forma criativa e crítica. A linguagem musical deve ser um dos meios para se alcançar esta educação, e os bons resultados no ensino da música serão alcançados pela adequação das atividades, pela postura reflexiva e crítica do professor, facilitando a aprendizagem, propiciando situações enriquecedoras, organizando experiências que garantam a expressividade infantil. (ROSA, 1990, p.19)

Um educador consciente apresenta aos alunos as mais variadas situações de aprendizagem, e entre elas as que envolvem a linguagem musical. E em muitas circunstâncias bem planejadas, não sendo apenas uma oportunidade do professor fazer recreação, torna-se uma forma de representação de vida da criança. É possível trabalhar a música em todas as demais áreas da educação, como também, na especial. No período preparatório à alfabetização há benefícios no ensino da linguagem musical quando as atividades propostas contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora, da imitação de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal. São estas funções psiconeurológicas que envolvem aspectos psicológicos e cognitivos, os quais constituem as mais diversas maneiras de adquirir conhecimentos. Este trabalho com a linguagem musical deve ser interessante para a criança e para o professor, e isto só é possível se houver uma conscientização cada vez maior da importância de se respeitar a expressividade infantil e de se criar oportunidades para que a criança esteja presente no trabalho em sala de aula.

É importante reconhecer e respeitar as diferenças, fazendo as adaptações necessárias aos materiais musicais a serem utilizados, a fim de facilitar a inclusão de alunos com necessidades especiais. Sejam crianças ou não, é de suma importância que o educador não o exclua como se fosse alguém incapaz de produzir. A música está presente no dia a dia do ser humano, sendo de grande importância para o seu desenvolvimento físico, intelectual e social, proporcionando-lhe uma melhor qualidade de vida por ser uma poderosa aliada educacional e um estímulo para o aprendizado, uma vez que, os movimentos associados à música podem contribuir para a melhora da coordenação motora e tônus muscular; deficiências na linguagem podem ser melhoradas através de canções, parlendas e trava-línguas; a capacidade auditiva, intelectual e o desenvolvimento da memória podem ser desenvolvidos através de exercícios rítmicos e melódicos. Deve-se explorar ao máximo os aspectos musicais, as instruções devem ser sempre claras e objetivas, o instrumento adequado às capacidades de cada criança e as atividades devem ser diversificadas atendendo as necessidades individualmente.

A educação, de uma maneira geral, desempenha uma função de integração, preparando a criança para sua inserção na sociedade e sua futura atividade profissional. A música constitui-se numa ferramenta de interação, socialização e principalmente educação, entre os portadores de necessidades especiais com a comunidade escolar, a família e os próprios alunos, assim como também entre as crianças normais, devendo ser, portanto trabalhada efetivamente com todos. (SOARES, s/p)

Desde os primórdios da nossa história, a linguagem da música parece ter estado presente sempre na vida dos seres humanos, e desde há muito faz parte da educação de crianças e adultos. A educação musical das crianças foi recuperada nas primeiras décadas do século XX, através da atividade e da experiência. Há pedagogos que se destacam nesta área, como: Émile Jacques Dalcroze, Maurice Martenot, Carl Orff, Joltam Koday, Shinichi e o famoso filósofo e psicopedagogo musical Edgard Willems. Na segunda metade do século XX, temos importantes pedagogos musicais como George Self, Lili Fiedeman, Folke Rabe e Jan Bark. A música tem uma importância muito grande na vida das pessoas. As crianças, sejam com necessidades especiais ou não, de uma certa forma, desenvolvem-se de uma maneira que reproduz a própria história do desenvolvimento de sua espécie: ela cresce em seu conhecimento de música descobrindo os sons e os ritmos, desenhando, garatujando, experimentando instrumentos musicais, confeccionando-os, descobrindo novos sons, usando enfim, todos os seus sentidos ou parte deles, dependendo de cada um, com cada necessidade específica. A linguagem musical deve ser um dos meios para desenvolver a aprendizagem como um todo, seja na educação especial ou não, pois é o melhor meio para inclusão do mesmo numa sociedade tão excludente. A música é uma ferramenta que produz interação, sociabilização, comunicação, desenvolvimento

cognitivo e principalmente na educação especial ela tem estado presente como uma linguagem bastante inclusiva.

Em relação à educação musical, os preconceitos frente a uma pessoa com deficiência não são menores especialmente no Brasil, onde a educação musical hoje integra o conteúdo programático do ensino básico somente na disciplina de educação artística. Percebemos em muitos profissionais da educação, e mesmo em educadores musicais, a crença de que fazer música é somente tocar um instrumento musical. Pior ainda, quando se trata de escolas convencionais, a música é tratada como mero auxiliar em comemorações de dias especiais. Assim, o ensino de música encontra-se muitas vezes tolhido de suas maiores e mais interessantes vantagens e atrativos por conta destas concepções errôneas acerca de sua natureza e objetivos. É necessário entender a importância cognitiva e social que a música produz na vida do ser humano por completo.

2. METODOLOGIA

2.1. Tipo de Metodologia: Qualitativa

Visando mostrar a importância da música como instrumento de inclusão da pessoa cega na sociedade, é estudada a vida do músico profissional Gabmar Cavalcanti Albuquerque através da pesquisa qualitativa, para que haja um estudo de caso, observação e interpretação. Sendo assim, utilizamos este método para coletar dados que pudessem mostrar o potencial que a música tem nesse processo.

No estudo de caso, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso. (GODOY, p.26, 1995)

Este tipo de pesquisa nos possibilitou uma interação entre a prática e a teoria, de forma a avaliar o quanto a música é importante para a pessoa cega.

2.2. Instrumento de Pesquisa (Análise documental)

Para a realização desta pesquisa acadêmica, utilizamos análise documental, fotos e registros familiares. Segundo, (Santos, 2000). A pesquisa documental é realizada em fontes como tabelas estatísticas, cartas, pareceres, fotografias, atas, relatórios, obras originais de qualquer natureza – pintura, escultura, desenho, etc), notas, diários, projetos de lei, ofícios, discursos, mapas, testamentos, inventários, informativos, depoimentos orais e escritos, certidões, correspondência pessoal ou comercial, documentos informativos arquivados em repartições públicas, associações, igrejas, hospitais, sindicatos.

2.3. Participantes da pesquisa

Nossa pesquisa teve como objeto o músico Gabmar Cavalcanti Albuquerque, já falecido. Bastante conhecido em nossa região, considerado como um fenômeno musical, atuou nesta área como um profissional muito respeitado. Ele desenvolveu uma técnica diferenciada na música, tornando-se referência musical no cenário cultural paraibano e apresentou-se em vários festivais culturais pela região.

Em entrevista, Gabmar declarou:

“Acho que talvez o principal empecilho que a minha deficiência me impôs, foi o de não ter podido estudar música como deveria. Sempre sonhei em poder reger uma grande Orquestra, em poder interpretar as grandes obras dos nossos grandes mestres.

Infelizmente não pude! Esta é a minha maior frustração! Na minha família, além de mim, apenas o Ogírio, meu irmão, é deficiente visual”. (Entrevista para revista virtual Ritmo Melodia. 01/06/2006)

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

3.1. OS PRIMEIROS CONTATOS COM A MÚSICA

É possível perceber que a música é um riquíssimo instrumento de inclusão da pessoa com deficiência, em especial, da pessoa com deficiência visual. Sendo assim, procuramos pesquisar a vida de um artista de grande importância da cidade de Campina Grande, na Paraíba, o músico Gabmar Cavalcanti Albuquerque. Nascido em 17/07/1943 e tendo ficado cego aos três anos de idade, Gabmar descobriu na música a melhor e mais rica maneira de aproximação com o mundo dos ditos “normais”, já que a música é algo com a qual quase a totalidade dos seres humanos se identifica. Assim, ela tornou-se uma das maneiras mais eficazes de comunicação e expressão para o referido.

Quando se fala de música e inclusão, percebemos que as pessoas creem no pressuposto de que todo cego é apto para música, mas não é sempre este o caso. Assim, não foi tão fácil encontrar um objeto para nossa pesquisa que além de ser cego, possuísse o dom musical, pois para tanto, era necessário perceber a importância que a música tem para inclusão destas pessoas na sociedade.

No caso do artista Gabmar Cavalcanti, encontramos nele o objeto de estudo perfeito, já que possui todos os pré-requisitos para a eficácia da pesquisa aqui proposta. Ele é cego, possuidor do chamado ouvido absoluto, que é a capacidade geralmente inata, de discernir e classificar sons de acordo com a escala musical ocidental por si só, sem a necessidade de um instrumento musical para comparar os sons, e também um homem que passou toda sua vida no meio musical, seja por prazer ou por profissão. Assim, a música tornou-se um instrumento de inclusão para que ele se fizesse visto pelas pessoas na sociedade, de forma a sentir-se produtivo. Sua limitação não conseguiu superar sua paixão pela música.

O trabalho musical com deficientes visuais, especialmente com cegos, parece simples e óbvio, pois supõe-se que eles possuem uma faculdade auditiva excepcional, o que é verdade somente em parte. Eles não nascem com um aparato auditivo perfeito ou melhor, porém, a deficiência os obriga a desenvolver uma capacidade muito grande para escutar e todos os meios capazes de contribuir para o desenvolvimento dessa capacidade são valiosos, já que a maioria dos contatos com o mundo depende da sua percepção e interpretação do som. É necessário educar essa sensibilidade e percepção auditiva. (BERTEVELLI, 2010, p. 163)

Gabmar Cavalcanti desde cedo se interessou pela música. O ambiente musical em que vivia no seu cotidiano o influenciou no seu gosto musical. Começou com a mãe, dona Hilda Cavalcanti Carvalho, que tocava bandolim. Aos três anos de idade perdeu a visão, devido a um glaucoma, momento em sua vida que ele próprio não gostava nem de comentar. O tratamento era muito agressivo, o que causou trauma na sua infância. Neste mesmo período começou a dedilhar no piano de sua casa. Ainda criança, com audição muito aguçada, era insistente e aprendeu as notas musicais sozinho. Não teve aulas de música. As primeiras tentativas aconteciam após o término das aulas de sua irmã Alba Cavalcanti. Ele ficava do seu lado, atento, e ao final, corria para tentar reproduzir no piano as músicas tocadas por ela. Deste modo, ia se familiarizando com o instrumento.

Ele ganhou do pai, Severino Cavalcanti Albuquerque, sua primeira sanfona: pequena e compatível com o tamanho de um menino de quatro anos que, sozinho, tentava, errava, e insistia até conseguir tocar as notas e acordes naquele instrumento. E foi assim, também com os outros: o piano, guitarra, flauta e o violão. Ele chegou a tentar tocar até bateria. Tornou um excelente músico prático que superou sua deficiência visual, aprendeu mais de um instrumento.

Figura 8: Gabmar aos 12 anos, em sua viagem ao Rio de Janeiro.



Fonte: Google imagens.

Numa revista virtual denominada Ritmo Melodia, Gabi, como era chamado pelos íntimos, falou deste seu primeiro contato com a música:

RM - Fale do seu primeiro contato com a música. GC - Em minha casa havia um velho piano, no qual a minha irmã Alba Cavalcanti costumava executar pequenas melodias. Eu,

então com três anos de idade, deitava-me no sofá e escutando bastante atento as ditas músicas. Quando ela saía do instrumento, eu tentava reproduzir, em parte, aquilo que havia acabado de ouvir. Assim, desta maneira, fui tomando conhecimento dos sons musicais, do nome das notas, dos acordes, etc. (Entrevista para revista virtual Ritmo Melodia. 01/06/2006)

O músico viu na prática a possibilidade de aprofundar-se naquilo que mais gostava de fazer e mergulhou profundamente na vida musical. Com muita dedicação e disciplina, conseguiu aprender músicas diversas e encantar os ouvidos de quem o escutava dedilhando seu instrumento apaixonante que era o seu teclado, companheiro durante sua vida.

Figura 9: Recorte de jornal da época da viagem de Gabmar ao Rio em 1954.



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande

3.2. A MÚSICA COMO PROFISSÃO

A música na vida do artista não se restringiu apenas à sua paixão e ao seu desenvolvimento cognitivo, mas a um meio de sobrevivência: era como unir o útil ao agradável.

Aos 17 anos, Gabmar Cavalcanti assumiu o posto de pianista da Rádio Borborema de Campina Grande (PB), o que o fez bem mais conhecido na sociedade como o menino cego que tocava divinamente e acompanhava vários cantores. O artista relembra:

Em 1960, ao voltar de João Pessoa onde havia concluído o primário no Instituto Adalgisa Cunha, e com a saída do meu irmão Ogírio Cavalcanti do Casting de artistas contratados da Rádio Borborema. Eu assumi o posto de pianista daquela emissora, iniciando assim, a minha vida profissional. (Revista virtual Paraíba Criativa- Inventário).

O multi-instrumentista sempre foi incentivado pela família na área musical. Um de seus irmãos o levou para se apresentar em um concurso de calouros promovido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro aos onze anos de idade. Juntamente com outro irmão, ele começou a tocar profissionalmente. Por mais de 30 anos, os dois estiveram na mesma banda, intitulada Conjunto Musical Ogírio Cavalcanti. O grupo leva o nome do seu fundador, o irmão de Gabmar, que também era cego. Eles viajavam pelo Nordeste do país fazendo inúmeras apresentações. A peculiaridade do grupo era a excelente equipe de instrumentistas que, aliados ao dom vocal da cantora Kátia Virgínia, esposa do músico, a qual o conheceu no conjunto, proporcionavam um repertório inigualável, chegando a ser comparado às grandes bandas americanas.

Figura 11: Conjunto Ogírio Cavalcanti no início dos anos 1970.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 12: Gabmar já na carreira solo junto com a esposa Kátia, nos anos 1990



Fonte: Arquivo pessoal.

Nos anos de 1990 deixou O Conjunto Ogírio Cavalcanti, mas não abandonou a música. Continuou a se apresentar junto com sua esposa Kátia Virgínia em diversos eventos até o fim de sua vida. Ele realizou o sonho de ter o próprio estúdio de gravação, o “Solo Stúdio”, de propriedade da família até o presente. Por lá passaram os principais músicos locais, incluindo a sua esposa cantora, Kátia Virgínia, que em 2002, lançou o primeiro CD “Dever de Cantar”. O disco foi produzido, arranjado e gravado por Gabmar e o filho do casal Alisson Teles Cavalcanti, o qual herdou de seu pai o talento e o amor pela música e produção musical.

Figura 13: Gabmar trabalhando em seu estúdio de gravação.



Fonte: Arquivo pessoal.

3.3. O CASAMENTO E A MÚSICA

Gabmar conheceu a cantora Kátia Virgínia no grupo musical do seu irmão anteriormente mencionado. Namoraram e casaram-se em 1975, resultando desta união três filhos, Alisson, Sheyla e Shirley. Destes, o filho herdou de seus pais o dom pela música, produção musical e o amor pelas tecnologias, ajudando assim, a seu pai realizar o grande sonho do “Solo Studio” onde produziram juntos vários trabalhos de gravações de cantores conhecidos na região.

RM: Nos apresente Kátia Virgínia, a sua esposa cantora. Gabmar Cavalcanti: Kátia Virgínia Teles Cavalcanti, é, sem dúvida alguma, a mais bela voz desta região. Como eu sou suspeito para falar, diria apenas que, na minha já longa vida de músico, não encontrei ninguém que interpretasse tão bem e com tanto sentimento, os mais diferentes tipos de canções que lhes foram confiadas. Prova inequívoca disto, são as várias gravações que já fizemos juntos. Bem como o sucesso obtido com o lançamento do seu primeiro CD – “Dever de Cantar” em 2002. Ela, ainda adolescente, teve diversas participações na rádio e televisão local e regional, tendo ido ao Rio de Janeiro, onde participou do programa Clube do Bolinha, do o apresentador Jair de Talmaturo. E também, do Programa do Chacrinha, obtendo muito boa aceitação. A partir da segunda metade de 1969, ingressou no grupo musical Ogírio Cavalcanti, lá permanecendo por muitos anos, sempre com enorme sucesso. Casamo-nos em 1975. Estamos, então, até hoje, trilhando a mesma estrada, musical e conjugal. Alisson, Sheyla e Shirley, são nossos três filhos. (Entrevista para revista virtual Ritmo Melodia. 01/06/2006)

O casamento musical de Gabmar e Kátia trouxe à sociedade paraibana o melhor da música. Durante anos, após saírem do conjunto de Ogírio Cavalcanti, passaram a trabalhar juntos, ela com sua belíssima voz e ele com seu teclado. Assim, alegravam as festas campinenses e até fora do estado, ganharam premiações em festivais e participaram de festas e gravações para o Instituto dos Cegos de Campina Grande, assim como outras instituições filantrópicas.

Um dos maiores marcos deixados por Gabmar em nossa cidade foi a gravação da nova versão do hino de Campina Grande em 11 de outubro de 2007, em comemoração ao aniversário da cidade. Na interpretação a cantora Kátia Virgínia, com arranjos de Gabmar Cavalcanti, foi um dos momentos mais emocionantes da sua carreira. Além da música, foi produzido um videoclipe. As imagens foram captadas no estúdio do casal de músicos, além de diversos pontos turísticos da maior cidade do interior do Nordeste. O clip foi produzido pela equipe da TV Itararé de Campina Grande, e idealizado pelo ator, autor e produtor teatral Saulo Queirós. O resultado foi que o hino de Campina Grande, antes pouco conhecido pelos próprios campinenses, tornou-se item indispensável nas solenidades, sendo sempre executado ao lado dos outros hinos oficiais. É fácil perceber que ninguém até hoje interpretou tão divinamente este hino, com tanto amor e emoção. Além disso, as escolas passaram a ensinar a seus alunos esta versão do hino, as rádios passaram a tocarem a emocionante música e sempre que possível na cidade se ouve esta melodia esplendorosa.

Figura 14: Casamento de Gabmar e Kátia em 1975.



Fonte: Arquivo pessoal

3.4. RELAÇÃO PESSOAL E MUSICAL COM OUTROS ARTISTAS INFLUENTES

Gabmar Cavalcanti tornou-se um homem conhecido no meio musical por sua técnica e excelência com a música e sua bagagem musical proporcionou convivência com pessoas influentes na música brasileira, as quais sentiam-se inspiradas pela sua dedicação, gentileza e amor pelo que realizava.

RM - Qual a sua relação pessoal com os músicos: Jackson do Pandeiro, Marinês, Rozil Cavalcanti, Biliu de Campina, Pepyscho Neto, Tan, Jorge Ribas, João Gonçalves, Bráulio Tavares, Elba Ramalho e Zé Ramalho?

GC - Eu não cheguei a conhecer pessoalmente o Jackson do Pandeiro. A Marinês é a nossa querida e fraternal amiga. Tanto ela como o seu filho, o grande músico Marcos Farias. Rosil Cavalcanti trabalhou comigo na rádio Borborema. Tive o prazer de conhecê-lo e de merecer a sua amizade por muitos anos até a sua morte, em 1968. Biliu de Campina é o meu fraterno e irreverente amigo. Conheço-o há mais de quarenta anos. Pepyscho Neto e Tan são amigos mais recentes, mas, nem por isso deixam de ser grandes amigos meus! Ambos cantores. O Pepyscho gravou comigo o seu primeiro CD, e o Tan já gravou vários CDs que foram arranjados e gravados por mim. Jorge Ribas é um querido amigo. Arranjador. É um virtuose do violão e um estudioso da arte. Conheço o João Gonçalves desde longa data. É um grande compositor que nós temos. O Bráulio Tavares é um amigo das antigas! Desde os tempos dos Sebomatos, banda que se apresentava e tocava tal qual os Beatles aqui em Campina Grande, e da qual ele fazia parte nos anos 60. É um amigão! Tenho o prazer de conhecer a Elba Ramalho desde os tempos do Colégio Estadual da Prata, onde ela estudava e participava do conjunto musical feminino As Brasas, isto nos anos 60. Finalmente Zé Ramalho, ainda eu não tive a satisfação de conhecê-lo pessoalmente. (Entrevista para revista virtual Ritmo Melodia. 01/06/2006)

Com tanto conhecimento na sociedade campinense e fora do estado, fica a dúvida sobre o porquê deste músico não ser tão famoso fora da sua terra. A razão, alegada inclusive pelo próprio

músico, é que ele não visava, com a música, ter uma projeção muito maior do que já tinha. Sempre foi muito “caseiro” e nunca falava de si mesmo destacando suas qualidades, pois era bastante humilde neste aspecto. Sua cegueira não foi desculpa para sua inclusão nesta sociedade, mesmo em tempos de preconceito mais aguçado. Sua única frustração por causa da deficiência, como referido anteriormente, foi não ter podido reger uma orquestra. Para ele, havia a impossibilidade da regência por causa da partitura.

Diante do que Gabmar realizou durante toda sua vida, esta frustração foi apenas um pequeno detalhe, pois mesmo não tendo sido um músico com formação acadêmica ou erudita, ele tornou-se referência em sua cidade natal e outras regiões. Um talento nato, onde a cegueira era apenas um detalhe.

3.5. O MAESTRO PARTIU

Gabmar Cavalcanti Albuquerque passou toda sua vida se dedicando à música, o maior instrumento de inclusão que ele poderia experimentar e viver. Foi diagnosticado em 2015 com um câncer muito agressivo no intestino, contra o qual lutou para sobreviver sem reclamar, sempre ouvindo o som das melhores músicas clássicas instrumentais, ao lado do seu travesseiro. Até o dia 01 de maio de 2016, quando sua música calou. O maestro eternizou-se na memória de seus fãs e habitantes da cidade de Campina Grande, a Rainha da Borborema. Seu velório reuniu muitos amigos e fãs, tendo sido enterrado no Cemitério Campo Santo Parque da Paz, onde familiares e amigos deram seu último adeus ao mestre com muita música e homenagens à sua pessoa. Amigos do Instituto dos Cegos, na pessoa de sua grande amiga Adenise, então diretora do mesmo, prestaram homenagem com sua presença, pois ele foi muito importante para instituição. O Prefeito Romero Rodrigues Veiga, decretou luto Oficial de três dias na cidade. Enfim, ele deixou um legado para filhos, netos e amigos que tiveram o privilégio de aprender com ele que cegueira não é impedimento para se tornar um grande e inteligente ser humano. É possível perceber nos depoimentos a seguir:

DEPOIMENTO DE KÁTIA VIRGÍNIA TELES CAVALCANTI (ESPOSA)

“Compartilhei minha vida e arte com Gabmar Cavalcanti por 46 anos, e para mim foi um privilégio e uma benção de Deus tê-lo como um companheiro inseparável de todas as horas! Gabi sempre foi para todos nós um exemplo de superação em tudo o que desejava realizar. Sua cegueira nunca o impediu de ir além dos seus limites. Ele sempre citou a música como algo vital para sua existência e sobrevivência. Músico autodidata e extraordinário, é admirado e respeitado

por todo o meio artístico musical dentro e fora do país, o que lhe deu o merecido e carinhoso título de ‘Incomum’. A saudade é grande, mas o orgulho de ter estado ao seu lado é muito maior. A você Gabi tudo o que sou!”

DEPOIMENTO DE ALISSON TELES CAVALCANTI (FILHO)

“Convivi cerca de 40 anos com meu querido pai. Nem sei se posso falar em superação quando me refiro a ele, pois na acepção mais comum desta palavra, ela se refere a alguém que perdeu algo e consegue superar esta perda. Meu pai não “perdeu” a visão aos três anos: ele “ganhou” outros olhos muito mais aguçados que eu e boa parte das outras pessoas jamais teremos em toda a vida. A ele, sem nenhum exagero, devo tudo que sou, seja como pessoa, seja como cidadão, seja como profissional. Com ele aprendi as primeiras letras, e mais tarde, absorvi a boa música que exalava de suas mãos e também de todos os discos de vinil e gravações em fitas magnéticas que demoradamente gostava de ouvir. Dele também veio a curiosidade e o gosto de ir além do ouvir, mas de fazer música. Com ele aprendi também a ir um pouco mais além, quando também me aventurei a registrar os sons e tecnicamente moldá-los ao gosto, como um artista plástico faz ao usar argila ou empunhar um formão. Assim, além da arte musical, também ele me ensinou as técnicas para imortalizá-la na forma de gravações. Com meu pai, também aprendi a apreciar o rádio, veículo que o acompanhou literalmente até os últimos suspiros de vida. Finalmente, e mais importante, meu pai me ensinou a SER. Obrigado, papai!”

Figura 15: Gabmar em uma de suas últimas apresentações.



Fonte: Arquivo pessoal

CONCLUSÃO

A intenção do presente trabalho foi mostrar a importância da música como instrumento de inclusão social, especialmente para a pessoa cega, facilitando assim, o entendimento de educadores e familiares no convívio com estas pessoas.

Ainda há muito preconceito a respeito desta temática e também falta de conhecimento por parte até mesmo de acadêmicos. É um assunto que ainda precisa ser melhor discutido neste meio. Os professores precisam usufruir deste instrumento tão desejado pelos alunos e que ajuda no seu desenvolvimento pessoal. Em se tratando de pessoas com necessidades especiais, a música é um facilitador da comunicação, seja qual for a deficiência. O que na verdade está faltando, é conhecimento aprofundado de sua importância. Ela faz com que os seres humanos liberem sentimentos, desenvolvam habilidades e se adaptem facilmente ao meio. Há sem dúvida um desenvolvimento cognitivo fantástico.

As escolas deveriam utilizar desta arte para incluir certos alunos, outrora esquecidos no canto de suas salas de aulas. Tais pessoas são capazes de desenvolver criteriosamente aquilo que sentem, assim como a sua capacidade de sociabilização.

Foi possível perceber, na vida do nosso artista, a capacidade que ele desenvolveu de ser reconhecido na sociedade. Sua vida revelou o quanto ele era estudioso, aprimorado na música e bem-sucedido como profissional. A música foi o meio pelo qual ele conseguiu sua própria inclusão numa sociedade preconceituosa e que frequentemente subestimou o seu potencial.

A pesquisa revelou ainda que a linguagem musical ajudou o músico desde pequeno a desenvolver mais rapidamente sua cognição, uma vez que a curiosidade em aprender o instrumento, no caso, o piano da sua irmã, funcionou como forma de compreensão de mundo que o ajudou a praticar sua imaginação e persistência, e no fim, desenvolveu melhor a noção concreta de sua imaginação. Como Gabmar iniciou aos três anos de idade o interesse pela música num ambiente de muito estímulo, sua curiosidade por outros instrumentos o fez perceber diferenças entre os sons e assim a usar os outros sentidos, tais como como a audição, a qual foi desenvolvida de forma absoluta, além do tato para o reconhecimento pelo toque dos instrumentos.

A música proporciona um desenvolvimento completo do ser humano, em relação a pessoa cega ela ajuda a expressar sentimentos, torna um ser mais crítico e autônomo, por isso, percebemos no músico Gabmar, independência em suas atividades e também a vontade de sempre aprender mais, sua frustração em não poder reger uma orquestra, demonstra o quanto ele foi além dos limites de sua deficiência. A vontade de sempre aprender e ir além, sempre além do

que seus antigos olhos físicos o levariam. Na sua fase adulta, é perceptível os frutos deste desenvolvimento, uma vez que ele conseguia comunicar-se e se envolver com outras pessoas de forma extraordinária.

A educação musical nas escolas regulares, por sua vez, está ainda longe de atingir seu ideal, pois nas escolas, certamente poderiam ser encontrados outros talentos como o de Gabmar Cavalcanti, que poderiam ser direcionados e orientados logo cedo na arte musical. Não é muito diferente hoje do tempo em que nosso artista foi criança. Ele foi descoberto primeiramente por sua família, que por ter musicalidade nas veias o incentivou desde cedo. Não foi na escola que ele foi descoberto, mas em casa. Isto precisa mudar, pois precisamos descobrir talentos e habilidades com nossos alunos especiais em sala de aula, para que a arte, e em especial, a música possa incluí-lo mais facilmente no meio em que vive.

Baseado na pesquisa e leituras realizadas, é possível dizer por fim que a música é essencial na formação das pessoas cegas, pois é rica em informações e oferece um amplo campo de trabalho, propiciando, promovendo e desenvolvendo o cognitivo destas pessoas.

Não é a intenção da educação musical formar músicos, mas usufruir deste instrumento de inclusão social que é a música em todos os sentidos, principalmente na educação para pessoas com necessidades especiais.

Como profissionais da educação, necessitamos aprender e mudar nossa ação educativa em prol das crianças cegas, objetivando que os alunos adquiram a capacidade de se expressar livremente, e com a meta de usar sua criatividade e estimular o desenvolvimento do conhecimento cognitivo e linguístico. A música, neste sentido, vai aonde os nossos olhos não podem enxergar.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Sidirley de Jesus; CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. Disponível em <<http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>>. Acesso em 05 nov 2018.

BERVEVELLI, Isabel C. D. O Ensino da Musicografia Braille Dentro do Contexto da Inclusão de Cegos: Desvendando a Notação Musical em Relevô. ANAIS - 13º Simpósio Paranaense de Educação Musical. Paraná, 2007, p. 163-165. Disponível em <<http://www.musicografia.net/uploads/1/1/2/4/11245254/bertevelli.pdf>>. Acesso em 12 set 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Educação infantil – saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência visual. V.8. Brasília: MEC, 2005.

CEGUEIRA. BOL. Disponível em <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/doencas/cegueira.htm>>. Acesso em 13 jul 2018.

ESTATÍSTICAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL. Fundação Dorina Nowill. Disponível em <<https://www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficiencia-visual/estatisticas-da-deficiencia-visual/>>. Acesso em 23 jul 2018.

GABMAR CAVALCANTI. Paraíba Criativa. Disponível em <www.paraibacriativa.com.br/artista/gabmar-cavalcanti/> Acesso em 21 nov 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução: A Pesquisa Qualitativa E Suas Possibilidades. São Paulo/SP, v.35, n.2, Mar/Abr. 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38200>>. Acesso em 07 set 2018.

GORDON, E. Teoria de aprendizagem musical: competências, conteúdos e padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

LINO, D. L. Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. In: CUNHA, S. R. V. (Org.). Música é cantar, dançar... e brincar! Ah, tocar também! Porto Alegre: Mediação, 1999. cap. 3, p.61-91.

LOURO, V.S.; IKUTA, C.Y.S.; NASCIMENTO, M.F. Música e deficiência: levantamento de adaptações para o fazer musical de pessoas com deficiência física. In: Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral, 2005. p. 11-18

MEMÓRIA ÁUDIO-FOTOGRAFICA: GABIMAR CAVALCANTE EM 1954. Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em <<http://cgretalhos.blogspot.com/2016/05/memoria-audio-fotografica-gabimar.html>>. Acesso em 19 nov 2018.

MÚSICA E EDUCAÇÃO ESPECIAL. Educasound. Disponível em <<http://educasound.blogspot.com/2010/06/musica-e-educacao-especial.html>> Acesso em 11 set 2018.

OLIVEIRA BERNARDES, Adriana. Tecnologias para o ensino de deficientes visuais. Disponível em <www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0265.html>. Acesso em 14 jul 2018.

ROSA, N. S. S. Educação Musical para 1ª à 4ª série. São Paulo: Editora Ática, 1990.

STIEGLER SIMÃO, Valdirene. Recursos e estratégias para o ensino de pessoas com cegueira e baixa visão. Disponível em <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/05_07_2010_14.19.40.f1e04ed09e4fcd73d246a08cccf694a6.pdf> Acesso em 21 jul 2018.